

DEPOIMENTO



Olga Coelho
(CEDOCH-DL/USP; Mackenzie)

Uma frase popular diz que a história só é previsível depois que acontece. Enquanto se desenrola, é um conjunto de eventos mais ou menos sem conexão, à espera de nossa interferência interpretativa. Essa interferência é que os relaciona, os torna história. Vejo meu envolvimento com a Historiografia da Lingüística e, antes, com a Lingüística, mais ou menos assim.

A Lingüística foi a última entre três ou quatro tentativas de seguir um curso universitário (química, farmácia, jornalismo...). A historiografia, por sua vez, uma espécie de acidente, já que o que me levou aos seminários e encontros de estudos organizados pela profa. Cristina Altman, a partir do segundo semestre de 1993, foi um intervalo longuíssimo entre uma aula de Literatura portuguesa (cursada pela manhã) e outra de Epistemologia da Lingüística (cursada à noite), nos tempos da graduação. Observadas hoje, contudo, minhas escolhas parecem ter recaído sobre coisas sempre muito presentes em minha vida.

Sou a sétima filha de um casal formado por um metalúrgico e uma dona de casa, mineiro e evangélico. Raspa de tacho, entre uma década e uma década e meia separam-me de meus irmãos mais velhos, que, como meus pais, não tiveram acesso ao ensino universitário. A infância na escola dominical e um mundo de estórias de um tempo em que “você nem era nascida” devem ter alguma relação com o interesse pela língua – que se mostrava híbrida demais e útil demais nos hinos, texto bíblico, pregações e testemunhos, de um lado, e nas conversas, narrativas, brincadeiras no bairro operário, de outro – e tam-

bém pela história (tanto de abraões, jacós, davis, quanto de sebastiões, totós, adelaides, avelinas, coelhos, ferreiras e pequenos).

Meus interesses dentro da historiografia, retrospectivamente, parecem dirigidos ao português do Brasil – híbrido demais – e aos modos de descrevê-lo. Os agentes centrais dos ensaios que escrevi foram, como eu sou, interessadíssimos nesta língua, em seus contrastes, em suas origens. Sendo essencialmente filólogos, partilharam o uso da história como instrumento explicativo – fato que inicialmente estranhei, dada a formação predominantemente estruturalista a que tive acesso, em um tempo em que o DL-USP assim se definia. Depois veio o encantamento pelo esforço de reconstrução dos caminhos do idioma. Além disso, a prática desses autores de evidenciar as intrigas, as paixões, os julgamentos no texto descritor converteu-se na interessante descoberta de que as picuinhas sempre rondaram a área, apesar de hoje se manifestarem de modos mais cordiais.

Minha primeira pesquisa grande tratou de querelas no campo institucional. Em *Serafim da Silva Neto e a filologia brasileira* (Coelho, 1998. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP), procurei examinar fatores intelectuais e sociais relacionados ao sucesso de um paradigma. Focalizei o debate entre Filologia e Lingüística no Brasil entre 1940 e 1960, a partir da perspectiva dos filólogos, que, naquele período, compunham a elite acadêmica da área de estudos sobre a linguagem. Minha análise permitiu caracterizar Silva Neto (1917-1960) como liderança intelectual, isto é, provedor e defensor de idéias, e liderança organizacional, ou seja, criador de meios para a difusão dessas idéias entre os membros da comunidade científica, como propunha Stephen Murray em texto de 1993. O trabalho pendia mais para a análise de fatores contextuais ligados à história dos estudos da linguagem no país, embora a questão da formação do português do Brasil nele já se insinuasse, até mesmo por ser uma peça-chave do programa proposto por Silva Neto para o desenvolvimento de estudos filológicos “científicos” por aqui.

Em *A anguzada lexicográfica luso-bundo-americana* (Coelho, 2003. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP), explorei picuinhas em torno de um tema, que, evidentemente, eram também picuinhas ideológicas, políti-

cas. Foi uma análise de textos lexicográficos sobre o português do Brasil produzidos durante a segunda metade do século XIX. A hipótese central era que as obras, inseridas em um projeto mais amplo de edificação de um perfil para o país, poderiam ter obtido sucesso na defesa da autonomia da chamada língua brasileira, não fossem a opção pelo léxico como o principal fornecedor de argumentos e o desenvolvimento de uma prática descritiva excessivamente marcada pelo personalismo.

Estudar o material das duas pesquisas foi encontrar soluções descritivas – às vezes esdrúxulas, às vezes felizes – para um objeto sem contornos muito nítidos, mas, talvez por isso mesmo, tão freqüentemente associado a uma identidade brasileira. Foi, também, colocar-me em outra perspectiva, que, olhando bem, é menos outra e menos estranha do que me pareceu no princípio.